

Demonstrativos e [ana]fóricos em Latim

ANTÓNIO ANDRADE

Universidade de Aveiro

Permettant au 'parleur' de se constituer en sujet (identique à lui-même d'un acte de parole à l'autre, puisque toujours désignable par le même signifiant 'je'), et de structurer l'environnement spatio-temporel, les déictiques sont à considérer non seulement comme des unités de langue et de discours au même titre que toute autre unité linguistique, mais bien plus, comme ce qui rend possible l'activité discursive elle-même.¹

1. A referência: enquadramento teórico

Os conceitos de 'deixis' (do grego δειξίς) e de anáfora (do grego ἀναφορά), têm sido utilizados, em linguística, com múltiplos e distintos sentidos². Impõe-se, portanto, uma breve precisão terminológica sobre o alcance destes dois termos.

¹ Catherine Kerbrat-Orecchioni, *L'énonciation de la subjectivité dans le langage* (Paris 1980) 56.

² Cf. a reflexão de Catherine Kerbrat-Orecchioni, no capítulo dedicado ao papel dos deicticos e dos diferentes tipos de mecanismos referenciais no campo da subjectividade da linguagem, op. cit., 34-70. Cf. também É. Benveniste, "La nature des pronoms" e "La subjectivité dans le langage", *Problèmes de linguistique générale*, 1 (Paris 1976) 252-257; 258-266.

Existem determinadas unidades linguísticas, conhecidas como deícticos, que nos remetem para certos elementos próprios da situação de comunicação: o papel desempenhado no processo de enunciação pelos interlocutores e a sua situação espaço-temporal. Convém, no entanto, precisar que estas unidades actualizam a referência de forma distinta. Nesse sentido, há que distinguir a referência deíctica, relativa à própria situação de enunciação, da referência [ana]fórica, relativa ao contexto linguístico, também designado co-texto. Esta divisão constitui o ponto de partida para a distinção entre demonstrativos e [ana]fóricos, ou se quisermos, entre a função deíctica e a função fórica. Ainda que ‘deixis’ designe, com frequência, todo este processo referencial, é forçoso estabelecer uma distinção clara entre ‘deixis’ (referência deíctica) e ‘fóresis’ (referência fórica)³. Preferimos o termo fórico em vez de anafórico, uma vez que o sentido da referência co-textual pode ser ambivalente, tanto pode ser relativa a um antecedente (anafórica) como a um conseqüente (catafórica).

Os pronomes demonstrativos/fóricos latinos, de acordo com a divisão já estabelecida, têm a função de mostrar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso. Constituem, não só em latim como na maior parte das línguas, um sistema complexo, sujeito a múltiplas variações e interacções quer no plano sincrónico quer no plano diacrónico. Mesmo antes da própria definição e institucionalização da noção de sistema como conceito central em linguística, os pronomes habitualmente incluídos na classe dos demonstrativos foram alvo de estudos que tentaram dar conta da sua sistematicidade.

No campo da linguística geral e indo-europeia, a obra de Karl Brugmann⁴ constitui um marco incontornável na abordagem da

³ Sobre a variedade e a pertinência da terminologia metalinguística utilizada para descrever o processo referencial, cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni, op. cit., 39-40.

⁴ K. Brugmann, *Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen, Abhandl. der Sächs. Ges. der Wissenschaft 22* (Leipzig 1904).

questão dos pronomes, em geral, e dos demonstrativos, em particular. Este linguista estabeleceu um sistema geral, que apresentou como válido para várias línguas, distribuindo os demonstrativos pelas célebres quatro ‘deixis’, três pessoais e uma neutra: *ich-deixis*, *du-deixis*, *jener-deixis* e *der-deixis*. Mais tarde, J. Wackernagel⁵ publica as suas reflexões sobre o estudo de Brugmann. Apesar de seguir, nos aspectos fundamentais, o estudo do mestre de Leipzig, apresenta uma nova formulação para as quatro ‘deixis’, utilizando denominações latinas para as três primeiras - *hic-deixis*, *iste-deixis* e *ille-deixis* (equivalentes, respectivamente, à *ich-deixis*, *du-deixis*, *jener-deixis* de Brugmann). Se Wackernagel utilizou designações latinas para se referir às três ‘deixis’ iniciais de Brugmann, não o fez para a quarta, a *der-deixis*, à qual deu o nome de *to-deixis*, servindo-se, para o efeito, da forma neutra do artigo grego. Este facto parece constituir um indício seguro de que, para Wackernagel, a *to-deixis* não tem existência específica em latim.

Desde os estudos de Brugmann e de Wackernagel, os demonstrativos passaram a ser, com frequência, estruturados em estreita relação com a categoria de pessoa gramatical⁶, sendo relacionada com cada uma delas uma ‘deixis’ distinta.

No entanto, o esquema de Brugmann, modificado por Wackernagel revelou-se de difícil aplicação na maioria das línguas indo-europeias, ainda que o problema da terminologia e da referência pessoal de cada demonstrativo fosse ultrapassado⁷. Por isso, outros estudiosos trataram de estabelecer as coordenadas que subjazem ao

⁵ J. Wackernagel, *Vorlesungen über Syntax*, II (Basel 1928).

⁶ A influência destes estudos, especialmente o de Brugmann, faz-se sentir até aos nossos dias, sendo evidente nos manuais de sintaxe e morfologia (e. g. Bassols, Ernout, Palmer e Pisani). Sobre este assunto, cf. A. Fontán, “Historia y sistemas de los demostrativos latinos”: *Emerita* 33 (1965) 71-75.

⁷ A este propósito, cf. o contributo de Julia Mendoza, “La organización de las deixis en los pronombres demostrativos del indo-europeo”: *Revista Española de Lingüística* 6 (1976) 89-111.

estudo dos sistemas deícticos. Assinale-se o estudo de K. Bühler⁸ pela projecção que alcançou e, mais recentemente, os artigos de A. Fontán⁹ e de S. Mariner¹⁰.

2. A proposta estruturalista de Mariner

A inovadora abordagem de Mariner tem na sua base os estudos de Hjelmslev¹¹ e de Fillmore¹². Mariner assenta a sua análise do sistema deíctico, por um lado, nos estudos e reflexões das escolas estruturalistas, sobretudo no que concerne à categoria pronominal; por outro, no trabalho já referido de Fontán¹³, no qual este apresenta uma descrição bastante pormenorizada e fundamentada dos pronomes demonstrativos que a tradição consagrou.

Mariner estrutura os pronomes latinos de acordo com a noção de função. Considera a existência de quatro funções distintas: deíctica, fórica, morfemática e enfática. Segundo este estudioso, «Lo fundamental del pronombre no es lo que le ha dado nombre, la ἀντωνυμία, el poder usarse en lugar del sustantivo, sino aquellas funciones que desempeña tanto cuando le sustituye como cuando, acompañándole, ha recibido el curioso término de ‘adjetivo

⁸ K. Bühler, *Sprachtheorie* (Frankfurt 1978).

⁹ A. Fontán, op. cit

¹⁰ S. Mariner Bigorra, “Contribución al estudio funcional de los pronombres latinos”: *Actas del III Congreso Español de Estudios Clásicos* 3 (Madrid 1968) 131-143.

¹¹ L. Hjelmslev, “Sobre la naturaleza del pronombre”: *Ensayos Lingüísticos* (Madrid 1972) 253-261.

¹² Ch. J. Fillmore, “Toward a theory of the deixis”: *WPLUH* 3 (1971-1974) 219-242.

¹³ A. Fontán apresenta uma descrição fundamentada dos sistemas dos demonstrativos latinos, em três momentos distintos: Plauto, Cícero (discursos) e Séneca. A publicação, pouco tempo antes do seu estudo, da ‘letra I’ do *Thesaurus Linguae Latinae*, permitiu-lhe dispor, pela primeira vez, de excelentes dados estatísticos e descritivos para todos os pronomes designados como demonstrativos pela gramática tradicional.

pronominal'»¹⁴. Com efeito, o termo 'pronome' remonta ao latim *pro-nomen*, o qual, por sua vez, é a tradução do grego ἀντωνυμία 'o que se emprega em vez do nome'. Mariner defende que a definição de pronome deve ser mais abrangente do que o simples sentido etimológico, e situar-se num plano funcional.

Desde a época helenística, os pronomes são caracterizados por desempenharem funções deícticas e anafóricas. A definição de pronome de Apolónio Díscolo é a este título bastante elucidativa: πᾶσα ἀντωνυμία ἢ δεικτική ἐστὶ ἢ ἀναφορική¹⁵

Mariner aproveita, de certa forma, estas designações, que a tradição lhe oferece, utilizando-as, porém, de um modo muito diferente. Às duas funções a que a tradição fazia referência, a deíctica e a [ana]fórica, Mariner acrescentou outras duas, a morfemática e a enfática. Os conceitos de 'deixis', referência, morfema e ênfase são, no seu entender, perfeitamente heterogêneos, o que motiva, por si só, a distinção das quatro funções. Segundo ele, cada um dos pronomes pode assumir uma ou, simultaneamente, mais funções, sempre que substituem ou acompanham o nome.

Este autor sugere, pela primeira vez, a designação de função fórica, em detrimento de anafórica, uma vez que os pronomes que desempenham esta função podem fazer referência quer a um antecedente quer a um conseqüente, podendo ser, portanto, anafóricos ou catafóricos.

Assim, Mariner¹⁶ propõe uma classificação estruturalista dos pronomes latinos, dando conta das várias funções desempenhadas por

¹⁴ Op. cit., 132-133.

¹⁵ Cf. J. Wackemagel, op. cit., 84. Sobre a perspectiva de análise de A. Díscolo quer do sistema pronominal, em particular, quer da sintaxe do grego, em geral, precursora, aliás, em alguns aspectos, das modernas teorias linguísticas, cf. Apolónio Díscolo, *The syntax of [...]*. Translated, and with commentary by Fred W. Householder (Amsterdam 1981).

¹⁶ Op. cit., 137-143.

cada um deles. No que diz respeito aos pronomes habitualmente designados como demonstrativos — *hic, iste, ille, is, idem* e *ipse* —, este estudioso rompe com a tradição, considerando apenas como demonstrativos *hic, iste* e *ille*, tanto no latim arcaico como no latim clássico, uma vez que só estes têm como função primordial a deíctica¹⁷. Por outro lado, classifica os pronomes *is, idem* e *ipse* de acordo com as funções que exercem:

a) *is, ea, id* — este pronome desempenha, fundamentalmente, uma função fórica; pode, no entanto, desempenhar também uma função enfática, especialmente quando se pode comutar com *talis*.

b) *idem, eadem, idem* — o pronome *idem* é, histórica e etimologicamente, uma forma reforçada de *is*; tem um carácter fórico, tal como o pronome a partir do qual se forma, mas simultaneamente enfático, proveniente do reforço *-dem*. Não só faz referência a algo já referido como o reforça.

c) *ipse, ipsa, ipsum* — o pronome *ipse* é tipicamente enfático; na opinião de Fontán¹⁸, *ipse* tem, para além da função enfática, um carácter de exclusão. Todavia, Mariner¹⁹ considera que a exclusão não é mais do que uma consequência da função enfática. Apresenta, a título de exemplo, a expressão *ipse rex*, argumentando que o facto de ser o próprio rei, em pessoa, exclui, à partida, que possa ser outro.

Deste modo, Mariner defende que existem apenas três pronomes demonstrativos (*hic, haec, hoc* — *iste, ista, istud* — *ille, illa, illud*) que têm em comum a função deíctica.

¹⁷ Apesar de não o fazer com a profundidade de Mariner, Pierre Monteil apresenta uma estruturação funcional dos pronomes, considerando distintamente demonstrativos e anafóricos. Cf. P. Monteil, *Elementos de fonética y morfología del latín*. Traducción, introducción, notas suplementarias y actualización de la bibliografía de Concepción Fernández (Sevilla 1992) 254-279.

¹⁸ Op. cit., 82.

¹⁹ Op. cit., 141.

A segunda função dos demonstrativos é a fórica, na qual se opõem, quanto ao sentido da referência, *hic/iste*. Sempre que há um sentido anafórico, dá-se a neutralização do par *hic/iste*; quando o sentido é catafórico, usa-se apenas *hic*. *Ille* tem, por vezes, sobretudo no latim pós-clássico, valores fóricos, como antecedente do relativo, em substituição de *is*, pronome fórico por excelência; *ille*, neste contexto, acaba por ocupar completamente o lugar de *is*, no latim tardio.

Por último, tanto *iste* como *ille* podem ter também a função enfática, havendo uma nítida oposição entre ambos, já que *iste* assume um sentido negativo ao contrário de *ille*, que reflecte um sentido positivo.

Podemos, assim, esquematizar as funções dos pronomes do sistema deíctico, em latim:

- a) *hic, haec, hoc* – função deíctica/fórica;
- b) *iste, ista, istud* – função deíctica/fórica; função enfática (negativo);
- c) *ille, illa, illud* – função deíctica/fórica; função enfática (positivo).

Não se julgue, no entanto, que as funções deíctica e fórica são exclusivas dos pronomes vulgarmente designados como demonstrativos. Os pronomes pessoais e possessivos, apesar de serem, essencialmente, morfemáticos, também podem ter função deíctica, sempre que a indicação das duas pessoas (*ego/tu*) permita supor uma situação espacial.

Por outra parte, o pronome reflexivo *se* também tem função fórica sempre que faz referência, em geral, ao sujeito; em situação análoga encontra-se o possessivo *suus*. Os pronomes relativos não têm outra função que não seja a fórica. Os pronomes interrogativos assumem uma função fórica no sentido em que fazem referência

àquilo que se espera na resposta. Os pronomes indefinidos, tal como os numerais, evidenciam, por vezes, a função fórica.

3. Problemas de análise

A. Fontán²⁰, depois de analisar as ocorrências dos pronomes demonstrativos em Plauto, conclui que *hic* e *iste* exprimem proximidade, respectivamente, do falante e do interlocutor, em oposição a *ille*, que indica afastamento quer em relação a um quer a outro. Temos, como é evidente, um sistema paralelo à distribuição do grego²¹, onde ὄδε e οὗτος assinalam a proximidade, e ἐκεῖνος o afastamento. No entanto, apesar de registar já em Plauto algumas interferências entre *hic/iste*, Fontán defende que, nos discursos de Cícero, se verifica a exclusão, quase completa, de *iste* do sistema deíctico, dado que este pronome surge, na maior parte dos casos, em usos pejorativos e irónicos com valor de desprezo e de invectiva.

Mariner²², ao pretender interpretar e explicitar linguisticamente a evolução das interferências, já apontadas por Fontán, entre o par *hic-iste*, propõe para o sistema deíctico latino uma oposição de tipo binário *ille/iste-hic*, na qual *ille* é o termo marcado, uma vez que assinala sempre o campo do não-interlocutor. *Iste*, por sua vez, é o termo marcado em relação a *hic*, já que apenas se emprega, com adscrição ao falante, em sentido pejorativo, actualizando, deste modo, a função enfática e não a deíctica; *hic*, pelo contrário, invade o campo do interlocutor.

A abordagem de Mariner, porém, não é consensual. Carmen Codoñer²³, ao tentar validar, em textos seleccionados, o sistema

²⁰ Op. cit., 86-89; 93-94 e 100-102.

²¹ Sobre o sistema demonstrativo grego, cf. Ignacio R. Alfageme, *Nueva gramática griega* (Madrid 1998) 194-196.

²² Op. cit., 141-142.

²³ Carmen Codoñer, “Introducción al estudio de los demostrativos latinos”, *Revista Española de Lingüística* 3 (1973) 81-93.

deíctico latino por ele apresentado, deparou-se com dois problemas relativos à sua estruturação, tal como o estudioso catalão o delineou. Em primeiro lugar, dá conta da impossibilidade prática de reduzir os demonstrativos latinos à série *hic-iste-ille*, considerando que determinados valores só se tornam evidentes a partir do confronto com outros elementos que se encontram fora desta série, em particular, com o pronome *is*. Nesse sentido, procura estabelecer uma distinção entre o valor fórico de *hic* e de *is*, concluindo que os seus usos não são coincidentes. Além disso, coloca uma outra questão de importância crucial: se a ‘deixis’ é evidente quando é real, por exemplo, no teatro e na oratória, o mesmo não acontece com outros géneros literários, havendo, portanto, necessidade de alterar os critérios que a definem.

Iso Echegoyen²⁴, por seu turno, admite um sistema ternário típico *hic-iste-ille*, afirmando que o latim desenvolveu, paralelamente ao sistema deíctico, um ‘útil’ gramatical com a função de referência simples, sem uma localização da mesma no espaço, a alguma parte da mensagem, conhecida pelo emissor e, normalmente, também pelo receptor. Coloca neste papel o pronome *is* e considera que este representa uma neutralização do valor fundamental da série deíctica: a posição no espaço. Assim, opõe *hic-iste-ille/is*, distribuição que nos faz lembrar o esquema de Wackernagel, considerando *is* como o termo marcado, dado que este pronome tem uma função fórica básica, e não possui, pelo menos no latim arcaico e clássico, função deíctica. Ao invés, a série deíctica, *hic-iste-ille*, invade o campo de *is*, isto é, pode ter também função fórica.

Verifica-se, com alguma frequência, a identificação da série deíctica com a categoria de pessoa (*hic* é associado à primeira pessoa; *iste*, à segunda e *ille* à terceira). No entanto, esta associação não é

²⁴ José Javier Iso Echegoyen, “En torno al sistema deíctico pronominal en latín y su paso a las lenguas románicas”, *Revista Española de Lingüística* 4 (1974) 458-471.

correcta do ponto de vista linguístico. Com efeito, só uma análise superficial permite fazer esta identificação. Os pronomes da série deíctica estabelecem-se, do ponto de vista morfológico, sobre temas distintos dos pessoais e, além disso, a sua oposição fundamenta-se em considerações distintas: a localização espacial/temporal. Se *hic* e *iste* indicam proximidade em relação, respectivamente ao falante (*ego*) e ao interlocutor (*tu*), não é verdade que *ille* assinale proximidade da terceira pessoa mas, pelo contrário, afastamento quer do falante (*ego*) quer do interlocutor (*tu*). Podemos, assim, entender a associação dos pronomes da série deíctica à categoria de pessoa como uma consequência do seu valor localizador.

Esta questão leva-nos ainda mais longe se pensarmos que o latim considera apenas como reais a primeira (*ego*) e a segunda pessoas (*tu*)²⁵. Aquilo que se designa como terceira pessoa, considerada por Benveniste como a ‘não-pessoa’²⁶, não está associado nem ao locutor (1.^a pessoa) nem ao interlocutor (2.^a pessoa); relaciona-se, pelo contrário, com a questão da referência. Esta situação é visível, em latim, pela ausência de pronome não reflexo de terceira pessoa, apesar de, em latim clássico, *is* ter uma distribuição complementar com o reflexivo *se*. A verdade é que o sistema é tripessoal nas desinências verbais mas bipessoal nos pronomes. Segundo Iso Echevoyen, a referência à terceira pessoa podia ser feita por qualquer pronome, acabando por concluir não haver nenhum específico. A indeterminação da terceira pessoa verbal faz com que os falantes explicitem o seu sujeito em forma nominal/pronominal quer

²⁵ Sobre a problemática da categoria, no que concerne à classe pronominal latina, cf. J. J. Isso Echevoyen, op. cit., 460-467; Huguette Fugier, “Y a-t-il des pronoms personnels en latin?” *REL* 52 (1974) 384-409; P. Monteil, op. cit., 254-276.

²⁶ Cf. É. Benveniste, “Structure des relations de personne dans le verbe”, *Problèmes de linguistique générale*, 1 (Paris 1976) 225-236.

seja através de simples referência (*is*), de ‘deixis’ (*hic-iste-ille*) ou de ênfase (*ipse*).

Ainda que os problemas relacionados com a questão da referência sejam muitos e complexos, há dados que não sofrem contestação entre os vários linguistas. Temos, por um lado, uma série deíctica (*hic-iste-ille*), por outro, uma série fórica encabeçada pelo pronome *is*, à volta do qual gravitam *idem* e *ipse*. Se é verdade que a série deíctica pode invadir o campo fórico, sem perder, no entanto, o seu valor original, o mesmo não pode dizer-se da série fórica que nunca invade o campo da referência deíctica. Os pronomes *iste*, *ille*, *is* e *idem* podem também assumir uma função enfática, sendo *ipse*, por excelência, o pronome enfático.

4. Reestruturação do sistema no latim tardio

Pretendemos, de seguida, traçar as linhas gerais da evolução do sistema deíctico/fórico, na latinidade tardia. As tensões têm tendência a acentuar-se com o decorrer do tempo, não havendo, como é evidente, uma evolução uniforme, nem em termos temporais nem em termos espaciais. Apesar disso, tentaremos dar conta, ainda que de forma esquemática, das coordenadas fundamentais subjacentes à completa reestruturação²⁷ do sistema demonstrativo que acabámos de descrever como válido desde o latim de Plauto até ao de Séneca.

O desaparecimento do deíctico *hic* e do fórico *is*, pelo seu reduzido volume fónico, vem provocar uma alteração profunda de todo o sistema. A debilitação gradual do carácter deíctico dos pronomes, com a perda da relação com a categoria de pessoa gramatical, traz como consequência o seu emprego indiscriminado e a

²⁷ Sobre o assunto, cf. J. J. Iso Echevoyen, op. cit., 466-471; A. Fontán, op. cit., 103-105; Veikko Väänänen, *Introducción al latín vulgar*. Versión española de Manuel Carrión (Madrid³1988) 211-216.

consequente alteração das funções antes desempenhadas por cada um deles.

O progressivo desaparecimento do pronome *is* deixa em aberto a expressão da referência fórica, e o seu lugar acaba por ser ocupado, em particular, por *ille*, pronome que já antes entrava em concorrência com *is*, pelo facto de fazer referência ao afastamento de objectos e pessoas da esfera do *ego* e do *tu*.

Com a alteração de funções do pronome *ille*, terceiro elemento da série deíctica, ficou em aberto um espaço que foi ocupado em pleno por formas reforçadas, já existentes desde o latim arcaico, como *eccille*. Se antes este reforço se fazia por razões de expressividade, no latim tardio, *eccille* passa a ocupar a posição que pertencia, anteriormente, à forma simples *ille*.

A posição deixada vaga por *hic*, primeiro elemento da série deíctica, foi ocupada, na maior parte da România, pelo pronome *iste*. A função do pronome *iste*, segundo elemento da série deíctica, passa, por sua vez, a ser desempenhada pelo enfático *ipse*. A função enfática, antes expressada por *ipse*, começa a ser assumida pela forma reforçada *metipse*. O pronome *idem*, entretanto, tende a desaparecer.

Em suma, podemos dizer que a dissolução definitiva do antigo sistema demonstrativo latino veio provocar uma redistribuição dos elementos já existentes, quer pelo próprio desaparecimento de alguns pronomes quer pela alteração de funções de outros. Além disso, esta reestruturação do sistema encontra-se, com certeza, na génese do aparecimento de um novo elemento nas línguas românicas — o artigo²⁸.

5. Tratamento da questão nas gramáticas e manuais de latim

Nesta última parte do nosso trabalho, pretendemos analisar qual o tipo de abordagem do sistema demonstrativo (em sentido

²⁸ A. Fontán, op. cit., 105-107.

amplo) tanto nas gramáticas como nos manuais de latim portugueses, actualmente à disposição dos docentes de latim, no ensino secundário.

Vamos iniciar a nossa análise com as duas gramáticas latinas mais utilizadas, hoje em dia, no ensino secundário. Referimo-nos, mais concretamente, ao *Compêndio de Gramática Latina*²⁹ de José Nunes de Figueiredo e de M.^a Ana Almendra, e à *Gramática Latina*³⁰ do P. António Freire.

No que concerne à gramática de J. Nunes de Figueiredo e de M.^a Ana Almendra³¹, verificamos que o sistema demonstrativo/fórico latino é descrito de uma forma bastante simplista, sem dar conta minimamente das funções próprias de cada pronome. Sob a designação de pronomes demonstrativos surgem, tal como acontece na gramática tradicional, os pronomes *hic*, *iste*, *ille*, *is*, *idem*, *ipse*, como se de um conjunto homogéneo se tratasse. Em relação à série deíctica, ao lado de cada pronome, temos apenas a sua tradução para português e, entre parêntesis, a indicação (junto de mim), para *hic*, (junto de ti), para *iste*, e (junto dele), para *ille*. Como já tivemos oportunidade de referir, a oposição entre os pronomes da série deíctica fundamenta-se no binómio proximidade-afastamento. Por isso, não está correcto dizermos que *ille* indica proximidade de um ‘ele’, isto é, da terceira pessoa, o que nos remete de novo para a questão já aflorada da problemática da terceira pessoa; de facto, *ille* indica afastamento quer do falante quer do interlocutor.

Após a apresentação da declinação de todos os pronomes tradicionalmente incluídos na classe dos demonstrativos, são apresentadas, sem comentário algum, frases exemplificativas. Por fim, em anexo, temos breves considerações, sobretudo de ordem morfosintáctica. Procura-se, neste apartado, dar conta, ainda que de forma

²⁹ J. Nunes de Figueiredo e M.^a A. Almendra, *Compêndio de Gramática Latina* (Porto 1997).

³⁰ António Freire, *Gramática Latina* (Braga 1983).

³¹ Op. cit., 65-66; 71-72; 75-76.

superficial e algo desordenada, do uso dos pronomes. Não é possível, porém, através da descrição feita, entender o que, de facto, distingue o uso da série deíctica em relação à fôrica, oposição fundamental, como vimos, na organização de todo o sistema.

No que diz respeito à *Gramática Latina* de A. Freire, tal como no manual anterior, encontramos a declinação dos pronomes *hic*, *iste*, *ille*, *is*, *idem*, *ipse*, classificados como demonstrativos³². Há, no entanto, um capítulo sugestivamente intitulado «Pronomes demonstrativos — significação e usos especiais», no qual se procura descrever o uso de cada pronome. Ainda que a abordagem tenha uma qualidade muito superior à da gramática já analisada (seja por estar bem estruturada, seja por pretender ser exaustiva, seja por apresentar exemplos autênticos), continua a revelar as mesmas deficiências: associação pura e simples dos pronomes da série deíctica à categoria de pessoa, não explicitação dos fundamentos que justificam a oposição referência deíctica — referência fôrica; apresentação acrítica dos exemplos de cada pronome, sem uma visão de conjunto.

Se a descrição do sistema, no capítulo das duas gramáticas, revela problemas e imprecisões significativos, no caso dos manuais, a questão surge, por vezes, com um tratamento tão simplista que não passa da mera apresentação da declinação dos pronomes.

Os manuais intitulados *Romae Romani*³³ limitam-se, pura e simplesmente, a apresentar a declinação dos pronomes *hic* (10.º ano), *ille* (10.º ano), *is* (10.º ano), e *ipse* (11.º ano), sem qualquer informação suplementar que não seja alguns exemplos, mas apenas para *is*. Refira-se que nem sequer a tradução dos pronomes é apresentada, excepto para *is*.

³² Op. cit., 49-51; 320-323.

³³ Ana I. Salema e Rosa Costa, *Romae Romani*, 10.º ano (Lisboa 1996); idem, *Romae Romani*, 11.º ano (Lisboa 1997).

Em relação aos manuais com o título de *Euntes Romam*³⁴, pouco há a acrescentar. No manual do 10.º ano, temos apenas em apêndice o quadro da declinação de *is* e de *hic*, considerados como demonstrativos, com alguns exercícios de declinação; no manual do 11.º ano, deparamo-nos com um tratamento ainda mais pobre. Em apêndice, há um quadro com a declinação completa de *hic*, *is* e *ille*; no entanto, certamente por economia de espaço, aparece, sob o quadro da declinação de *is*, uma indicação preciosa: «Conjuga-se da mesma forma: *idem*, *eadem*, *idem* — o mesmo» (sic). Por incrível que pareça, ainda há pior; passo a reproduzir, sem comentários, o que está escrito sob o quadro da declinação de *ille*: «Conjugam-se como *ille*: *ipse*, *ipsa*, *ipsum* — ele mesmo, o próprio/iste, *ista*, *istud* — este» (sic)³⁵.

Vejamos, de seguida, os manuais de José Nunes de Figueiredo e M.^a Ana Almendra – *Initium. Latim 10.º ano/Initium. Latim 11.º ano*³⁶. No compêndio do 10.º ano, encontramos a declinação do pronome *is*, considerado como demonstrativo, acompanhada de exemplos que procuram ilustrar alguns usos do pronome. Indica-se que *is* pode desempenhar funções de «determinante e substituto do SN»³⁷, sem se proceder a uma explicação, ainda que breve, da real função do pronome. Sobre o manual do 11.º ano, não há muito a acrescentar, já que aí aparece um quadro com a declinação completa de todos os pronomes designados, segundo a tradição, como demonstrativos, com uma referência genérica — «com valor de determinantes e de substitutos»³⁸ —, que se pressupõe válida para todos. Não se explicitam as diferentes funções desempenhadas por

³⁴ Apolinário Américo A. Alves, *Euntes Romam I* (Odivelas 1993); idem, *Euntes Romam II* (Odivelas 1994).

³⁵ Op. cit., 224.

³⁶ J. Nunes de Figueiredo e M.^a A. Almendra, *Initium - Latim 10.º ano* (Coimbra 1994); idem, *Initium - Latim 11.º ano* (Coimbra 1994).

³⁷ Op. cit., 119.

³⁸ Op. cit., 22-23.

cada um e, tal como na gramática, continua a ser mencionado que *ille* indica proximidade da terceira pessoa.

O compêndio de João Soares, *Latim I*³⁹, considera *is* como pronome/determinante demonstrativo, limitando-se a apresentar os seus possíveis significados e uma observação de carácter morfológico. O manual *Latim II*⁴⁰ indica também *hic, iste, ille, ipse e idem* como pronomes/determinantes demonstrativos, e coloca igualmente *ille* a indicar proximidade da terceira pessoa.

Consideremos, por último, os manuais de António Borregana, *Novo Método de Latim*⁴¹. No compêndio do 10.º ano, encontramos como pronome demonstrativo *is*⁴². Ainda que o uso de *is* seja exemplificado por inúmeras frases e exercícios, em parte retirados de um manual francês, todavia, em parte alguma se reflecte sobre a verdadeira função do pronome. Esta lacuna evidencia-se, aliás, no modo vago como se alude a *is* no manual do 11.º: «Já conhecemos o pronome *is, ea, id*, de significado mais geral». Ainda assim, a abordagem dos pronomes *hic, iste, ille*, ou seja, da série deíctica, é a melhor de todos os manuais já analisados, sem dúvida alguma. Trata-se do único manual onde se explicita o eixo fundamental que justifica a oposição dos três pronomes, o critério da localização (proximidade *versus* afastamento), não sendo identificados os pronomes com a categoria pessoa. Há, tal como para *is*, inúmeros exemplos e exercícios⁴³.

Depois de termos elaborado esta breve análise do tratamento dado aos pronomes demonstrativos/fóricos, nas nossas gramáticas e

³⁹ João Soares, *Latim I. Iniciação ao Latim e à Civilização Romana* (Coimbra³1995).

⁴⁰ Isaltina F. Martins e João S. Soares, *Latim 2. Língua e Civilização* (Coimbra 1994).

⁴¹ António Afonso Borregana, *Novo Método de Latim 10.º ano* (Lisboa 1997); idem, *Novo Método de Latim 11.º ano* (Lisboa²1997).

⁴² Op. cit., 134-139.

⁴³ Op. cit., 18-23.

manuais de Latim, julgamos ser evidente que a questão merecia uma abordagem mais criteriosa e, em alguns casos, diria mesmo, mais esclarecida. Fazemos votos de que este nosso trabalho possa contribuir para uma reflexão mais profunda, em particular, por parte daqueles que se interessam pela língua latina, sobre uma questão tão relevante em qualquer processo de comunicação — a referência .